

A ARTE DE “CIVILIZAR PELA PALAVRA”: o teatro de Anchieta como instrumento pedagógico

THE ART OF “CIVILIZING THROUGH WORDS”: the theater of Anchieta as a pedagogical instrument

Vanessa Campos Mariano Ruckstadter
Universidade Estadual do Norte do Paraná

Vinícius Furlan
Secretaria Estadual de Educação do Paraná

Flávio Massami Martins Ruckstadter
Universidade Estadual do Norte do Paraná

Resumo: Este artigo apresenta uma análise dos aspectos educacionais em suas interfaces com a arte e a religião na obra teatral do padre jesuíta José de Anchieta (1534-1597). Analisa de forma específica o teatro anchietano a partir das categorias educação, arte e religião. Os autos de Anchieta possuíam finalidades pedagógica e civilizadora para atingirem o objetivo missionário de catequizar os indígenas em consonância com o projeto colonizador português.

Palavras-chave: Educação, Teatro Anchietano, Século XVI.

Abstract: This article presents an analysis of educational aspects in their interfaces with art and religion in the theatrical work of the Jesuit priest José de Anchieta (1534-1597). It specifically analyzes Anchieta's theater from the categories of education, art and religion. Anchieta's plays had pedagogical and civilizing purposes to achieve the missionary objective of catechizing the indigenous people in line with the Portuguese colonizing project.

Keywords: Education, Anchieta's Theater, 16th century.

Recebido em: 14/01/2024

Aceito em: 13/02/2024

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 15 n. 1, jan-jun 2024

Introdução

Trata-se de um estudo sobre os aspectos educacionais em suas interfaces com a arte e a religião no conjunto da obra teatral atribuída ao padre jesuíta José de Anchieta (1534-1597). O missionário teve participação decisiva na formação da cultura brasileira e é considerado precursor do teatro e da literatura de catequese em terras brasileiras¹⁹.

Tanto as origens do teatro no Brasil quanto na Ásia, na Grécia Antiga e também na Europa Medieval são religiosas (HESSEL; RAEDERS, 1972). O uso pedagógico do teatro e do canto cumpriram uma importante função educacional no século XVI, sobretudo antes da institucionalização da pedagogia jesuítica com a *Ratio Studiorum* (SAVIANI, 2013).

O objetivo deste texto é o de analisar as relações entre educação, arte e religião no teatro anchietano a partir da trajetória pedagógica do padre José de Anchieta, no contexto da atuação dos missionários da Companhia de Jesus, aliada ao projeto colonizador da Coroa Portuguesa desenvolvido na América Portuguesa. A análise será feita a partir dos doze autos atribuídos ao padre jesuíta, apresentados na obra “Teatro Jesuítico”, organizada e comentada pelo padre Armando Cardoso (S.J.), no terceiro volume das obras completas de Anchieta (CARDOSO, 1977).

Para atingir nosso objetivo, o artigo se divide em duas partes de discussão e análise: na primeira, são apresentados autor e obra, com ênfase para o processo de construção do vulto histórico do padre José de Anchieta; na segunda, as características gerais dos textos teatrais em relação ao contexto histórico no qual foram produzidos e a análise das peças a partir das categorias educação, arte e educação, considerando, especialmente, as intersecções entre elas.

O processo de construção do vulto histórico do “apóstolo do Brasil”

Graças ao seu papel ativo no primeiro século de colonização do Brasil, José de Anchieta ganhou vários títulos, tais como: “apóstolo do Novo Mundo”, “fundador da cidade de São Paulo”, “curador de almas e corpos”, “carismático”, “santo”, “apóstolo do Brasil”,

¹⁹ Sobre essa questão, pode-se ler na obra de Décio de Almeida Prado que: “Se por teatro entendermos espetáculos amadores isolados, de fins religiosos ou comemorativos, o seu aparecimento coincide com a formação da própria nacionalidade, tendo surgido com a catequese das tribos indígenas feita pelos missionários da recém fundada Companhia de Jesus. Se, no entanto, para conferir ao conceito a sua plena expressão, exigirmos que haja uma certa continuidade de palco, com escritores, atores e público relativamente estáveis, então o teatro só terá nascido alguns anos após a Independência, na terceira década do século XX”. (PRADO, 1993, p. 15).

entre outros. Teve uma imagem construída de maneira heroicizada por seus biógrafos já nos anos que se seguiram a sua morte, em 1597.

Assim sendo, para apresentar a trajetória biográfica de um vulto histórico como Anchieta há que se considerar a construção de sua figura “heroica”. Nascido nas Ilhas Canárias em 1534, domínio espanhol naquele contexto, o missionário jesuíta teve participação significativa na colonização portuguesa no Brasil na primeira metade do século XVI.

A elaboração de uma imagem grandiloquente a respeito do missionário inaciano iniciou ainda no século XVI, com sua primeira biografia escrita pelo jesuíta Quirício Caxa no ano de 1597, intitulada “Breve relação da vida e morte do padre José de Anchieta”. Foi seguida de outras duas já no início do século XVII: a obra “Vida do padre José de Anchieta”, escrita por Pero Rodrigues entre os anos de 1605 e 1609, e “Vida do venerável padre José de Anchieta”, publicada no ano de 1672 por Simão de Vasconcelos, ambos também pertencentes à Companhia de Jesus. A elaboração dessa figura que aqui estamos chamando de “heroica” não foi fruto dos escritos de uma única geração de autores. Várias foram as obras que contribuíram para essa finalidade. Contudo, essas três primeiras biografias aqui indicadas sobre José de Anchieta, escritas em língua portuguesa, cumpriram um importante papel: a partir dos escritos se iniciou um longo processo que culminaria quatro séculos em sua beatificação no ano de 1982, decretada pelo papa João Paulo II (RUCKSTADTER; ARNAUT DE TOLEDO, 2006) e, mais tarde, em sua canonização, decretada pelo Papa Francisco, em 3 de abril de 2014.

Há um grande número de obras biográficas sobre Anchieta. Dentre elas, podemos citar alguns: “Anchieta, apóstolo do novo mundo”, de José Freitas Nobre (1968); “São José de Anchieta”, de Gabriel Romeiro e Guilherme Cunha Pinto (1987); “Um carismático que fez história: vida do Pe. José de Anchieta”, de Armando Cardoso, S. J. (1997) e de Hélio Abranches Viotti, S.J., “Anchieta: o apóstolo do Brasil” (1980). Pelos títulos desses exemplos selecionados, percebemos a imagem romantizada e heroicizada que se fez e faz de Anchieta ao longo da história brasileira, seja no campo da Educação, da Arte, da História ou da Religião (RUCKSTADTER, 2005; RUCKSTADTER; ARNAUT DE TOLEDO, 2006).

Para exemplificar a construção dessa imagem, podemos extrapolar os escritos biográficos e mencionar duas referências ao padre José de Anchieta entre autores

clássicos da literatura brasileira: Machado de Assis (1839-1908) e Olavo Bilac (1865-1918). Bilac retrata, no poema “Anchieta”, o padre como santo e herói. Compara o jesuíta a São Francisco de Assis por sua capacidade para dominar os animais. Além disso, existe na última estrofe uma referência ao bandeirantismo, uma vez que o padre jesuíta é retratado como o desbravador de almas e dos sertões. Machado de Assis, por sua vez, apresenta o padre no poema intitulado “José de Anchieta” como um semeador da fé, que “ensinava sorrindo” (RUCKSTADTER, 2006).

Na análise sociológica e educacional de Fernando de Azevedo, em seu clássico “A Cultura Brasileira”, Anchieta é apresentado na esteira apologética do uso de sua figura para construção de uma narrativa da constituição do Brasil e do brasileiro: “Uma fé inabalável, como a dos primeiros apóstolos, e dispostos a todos os sacrifícios” (AZEVEDO, 1976, p. 10).

Nem mesmo o atual e premiado manual de História da Educação “História das Ideias Pedagógicas no Brasil”, de Dermeval Saviani (2013), escapou à força do processo de construção dessa atuação heroica. A capa da obra retrata uma ilustração de Anchieta escrevendo na areia o poema dedicado à Virgem na praia de Iperoig, com inspiração no quadro pintado por Benedito Calixto, em 1906, intitulado “O poema de Anchieta”²⁰. As análises do autor sobre as ideias pedagógicas a partir da atuação de Anchieta, contudo, historicizam sua figura e a relacionam com o contexto colonizador em diálogo com a historiografia. Afirma que, para atingir os objetivos da catequização, as ideias educacionais de Anchieta

[...] encarnavam-se como ideias pedagógicas engendrando os métodos e procedimentos considerados adequados para se atingirem aquelas mesmas finalidades inerentes à filosofia educacional consubstanciada na doutrina da Contrarreforma e expressas no plano educacional que estava sendo posto em prática. Como hábil conhecedor de línguas, dominando perfeitamente o espanhol, seu idioma nativo, o português que aprendeu ao se radicar em Coimbra e estudar no Colégio dos Jesuítas e o latim, do qual foi estudante dedicado e destacado, Anchieta logo veio a dominar também a “língua geral” falada pelos índios do Brasil, cuja gramática organizou para dela se servir no trabalho pedagógico realizado na nova terra. Fez-se, assim, em plenitude um agente da “Civilização pela palavra”, marca distintiva da Contrarreforma [...]. (SAVIANI, 2013, p. 44)

²⁰Informações contidas na folha de rosto da edição de 2013.

A análise de Hansen (2000) também se situa no ponto de contextualizar a atuação dos jesuítas, não a de heroicizar sua atuação. A partir da discussão realizada por ele, partimos da premissa que: “é no âmbito [da] política católica que as noções de educar, educação, civilizar e civilização devem ser definidas, evitando-se a generalização “transistórica” de sua significação e sentido” (HANSEN, 2000, p. 24). Segundo o autor, Anchieta teve importante atuação na “civilização pela palavra”, estratégia da Companhia de Jesus nos primeiros anos de atuação da ordem no Brasil no século XVI.

José de Anchieta utilizou alguns recursos e instrumentos para atingir os objetivos de seu trabalho pedagógico: o uso do idioma tupi na poesia e no teatro, a correlação dos deuses da religião dos nativos que habitavam a costa brasileira e com os quais teve contato com os santos católicos. Além de serem encenadas nos colégios, as peças eram também representadas nos pátios das igrejas, e sempre estavam inseridas em uma festa maior, nunca sendo apresentadas com um fim em si mesmas (ARNAUT DE TOLEDO; RUCKSTADTER F.; RUCKSTADTER V., 2007).

Anchieta também introduziu:

[...] um dualismo ontológico inteiramente estranho à visão de mundo indígena [...] o que irá presidir a construção de uma concepção totalizante da vida dos índios produzida pelos colonizadores representados pelos seus intelectuais materializados na figura dos jesuítas. O referido dualismo atravessa recorrentemente o teatro de Anchieta, manifestando-se nitidamente nos autos por ele redigidos. (SAVIANI, 2013, p. 46)

Na sequência, realizaremos análise desse dualismo e do processo de aculturação do qual Anchieta foi agente significativo a partir da sua obra, de modo geral, e das peças de teatro, que nos deteremos de forma mais próxima a partir da análise das categorias educação, arte e religião.

Educação, Arte e Religião: o teatro anchietano como instrumento pedagógico e civilizador

Durante o período em que atuou como missionário na América Portuguesa, José de Anchieta contribuiu para a formação do legado cultural, literário e educacional por meio do

teatro²¹. Chegou ao Brasil junto com a segunda leva de jesuítas na esquadra do segundo governador-geral, Duarte da Costa (1553-1558)²², no ano de 1553. Sua ação na escrita e produção de peças teatrais se deu entre 1561 e 1597, período em que escreveu doze autos: Na festa de Natal ou Pregação Universal (1561-1562); Na festa de São Lourenço (1587); Excerto do Auto de São Sebastião (1584); Diálogo do Provincial Pero Dias Mártir (1575 ou 1592); Na Aldeia de Guaraparim (1585)²³; Recebimento do Provincial Marçal Beliarte (1589); Dia de Assunção em Reritiba (1590); Recebimento do Provincial Bartolomeu Simões Pereira (fins de 1591/ início de 1592); Recebimento do Provincial Marco da Costa (1596); Auto de Santa Úrsula (1585, ou, mais provável 1595); Na Vila Vitória ou Auto de São Maurício (1595) e na Visitação de Santa Isabel (1597).

As peças teatrais escritas e produzidas por José de Anchieta tinham o objetivo de catequizar e educar os indígenas, além de manter a fé dos colonos de acordo com os preceitos cristãos, uma forma de manter o controle do poder e ação da Coroa Portuguesa. Para isso, o jesuíta escreveu enredos que criticavam os costumes culturais dos indígenas e exaltava o modo de vida de acordo com os preceitos cristãos, ou seja, havia sempre a representação da luta entre o bem e o mal.

Para o desenvolvimento desse ideal colonizador com fins educacionais e catequéticos, José de Anchieta utilizou, como recurso, o teatro com fins pedagógicos, isto é, produzido para o atendimento dos fins educacionais estabelecidos na ação missionária dos jesuítas com temas que atuavam diretamente na valorização da ação colonialista, já que sua abordagem valorizava os interesses e ideias do colonizador, com duras críticas aos costumes indígenas.

Além das críticas aos costumes indígenas, o teatro foi um agente propagador da língua portuguesa. Em suas peças José de Anchieta utilizava mais de um idioma, e essa utilização era uma forma de aculturação. (FURLAN, 2013, p. 70)

Para atingir os objetivos determinados pela Companhia de Jesus, aliados ao projeto colonizador português, o jesuíta adaptou a produção às condições da nova terra, mesmo

²¹ O recurso teatral foi amplamente utilizado nos colégios jesuíticos na Europa e no Brasil com o intuito catequético. Apesar de não podermos afirmar que a introdução do uso do teatro como ferramenta pedagógica tenha sido mérito da Companhia de Jesus, foi nos colégios da Ordem em todo o mundo que ele alcançou grandes proporções como recurso didático (O'MALLEY, 2004).

²² Duarte da Costa assumiu no lugar de Tomé de Souza e foi sucedido por Mem de Sá em 1558. Para saber mais sobre o modelo administrativo no século XVI ver Prado Junior (1976).

²³ Data provável segundo Cardoso (1977).

com a utilização de mais de uma língua, português, espanhol, latim e tupi, o que demonstra que a elaboração e execução das peças eram direcionadas ao público de acordo com suas condições culturais.

O teatro produzido pelos jesuítas unia arte e evangelização, tinha um propósito direto. As peças iam desde as mais simples as mais elaboradas, de acordo com o nível de conhecimento dos espectadores. O texto, o cenário e o local da apresentação eram supervisionados e escolhidos pelos próprios jesuítas, essa ação era desenvolvida para que não houvesse um desvio do objetivo central que era a catequização dos indígenas e a manutenção da fé dos colonos. (ARNAUT DE TOLEDO; FURLAN, 2015, p. 259-260)

As peças produzidas pelo jesuíta tiveram influência do estilo vicentino. É possível perceber a influência da obra de Gil Vicente (1465-1536) nos autos anchietanos a partir da composição das personagens, das rimas, a utilização de personagens simbólicas, que representavam a luta entre o bem e o mal.

Enquanto as peças de Gil Vicente eram escritas para a encenação em auditórios, com introdução, diálogos, um enredo final com dança, canto e música, os autos, apresentados na América Portuguesa, eram de acordo com as condições locais e de público, e suas apresentações eram realizadas em dias festivos e de cerimônias, tais como, visitação de autoridades, recebimentos de relíquias de santos e santas.

Anchieta aproveitou no seu auto esses elementos. Nota-se em suas peças que antes do diálogo há quase sempre uma saudação ou representação do assunto, recitativo ou canto de um ou mais atores. Realiza-se no porto ou a certa distância do povoado. Depois disso começa o desfile festivo ou procissão pelo caminho engalanado, com conto, música e dança, até o adro da igreja. É o 1º ato em que o simples espetáculo prevalece sobre a representação cênica.

A fachada da igreja é o cenário do 2º ato e corresponde ao pouso na taba indígena para o visitante. O diálogo deste com os que o saúdam e dos chefes entre si, inspirou Anchieta a parte central do auto, o conluio dos diabos contra o visitante, missionário ou santo, que com o auxílio do anjo vem proteger e reformar espiritualmente a aldeia ou a vila. O regozijo destes últimos sobre o diabo é manifesta por dança, canto ou música, antes da despedida. É o 3º ato nas peças de Anchieta.

A despedida ou 4º ato e a conclusão moral dos sermões do Temor e Amor de Deus, que aparecem nos autos maiores e correspondem à pregação do chefe índio percorrendo a aldeia de madrugada em elogio ao bom visitante. Também nos autos maiores o 2º ato se desdobra em outra cena diferente, mas resultante da primeira, fazendo que se possam distinguir nessa grandes peças cinco atos ou partes diferentes. (CARDOSO, 1977, p. 52-53)

Com essa estrutura e estilo, José de Anchieta, além de inaugurar a produção teatral em terras brasileiras, desenvolveu o projeto missionário catequético da Companhia de Jesus, aliado aos objetivos colonizadores da Coroa Portuguesa. E foi por meio destes autos, seja para a recepção de uma autoridade, seja para uma data festiva, seja para a chegada de uma relíquia sagrada ou imagem de um santo ou santa, que o missionário abordava temas da luta entre o bem e o mal, em que o bem eram os preceitos cristãos, e o mal os costumes culturais dos indígenas; temas como pecado, devoção, proteção, adoração, vícios, crisma, batismo, arrependimento eram abordados para efetivar a aculturação do indígena e a manutenção da fé do colono de acordo com os preceitos cristãos. (ARNAUT DE TOLEDO; FURLAN, 2015). Além disso, ao apresentar as personagens com roupas, mesmo que adaptadas, de acordo com as condições locais, havia a intenção de mostrar que a falta de roupa do indígena era um ato incorreto. Em suma, os temas giravam em torno da luta entre bem e mal:

Nesses autos destacava sempre a luta entre o bem e o mal. Este sempre tinha como ponto de partida os costumes dos indígenas, que deveriam ser deixados de lado, na visão do colonizador cristão. O bem eram os costumes católicos, que deveriam ser assimilados e praticados, como resultado da assimilação da cultura e religião do colonizador, num processo de catequização e aculturação. O bem, o bom era tudo o que pertencia ao mundo europeu e sua cultura cristã, a visão do colonizador. O mal era a cultura praticada pelo indígena, que deveria se moldar, ou seja, passar por um processo de aculturação. (FURLAN, 2013, p. 88)

Com essa ação, o projeto educativo previsto pelos membros da Companhia de Jesus era efetivado, pois, a produção dos autos, além de se assemelhar a alguns ritos indígenas, o que era fator positivo para os religiosos, muitos atores amadores eram indígenas catequizados, colonos, mestiços e os estudantes dos colégios da Ordem.

O teatro foi um instrumento educativo utilizado como importante recurso pedagógico nos colégios jesuítas, “na visão dos jesuítas, o teatro sempre foi visto e tido como um valioso instrumento educacional e cultural, por isso, sua utilização foi ampla com o objetivo de estabelecer uma ação religiosa e pedagógica” (FURLAN, 2013, p. 93). Além disso, por meio das encenações, era possível o alcance de um maior número de pessoas, e com isso, era possível instruir e propagar a religião, e conseqüentemente disseminar o ideal educacional e cultural europeu.

Revista Moringa Artes do Espetáculo, João Pessoa, UFPB, v. 15 n. 1, jan-jun 2024

Como parte de um projeto maior, José de Anchieta utilizou os recursos que havia na América Portuguesa. Ele se utilizou dos recursos culturais e morais dos indígenas e, também, dos recursos materiais que a nova terra oportunizava. O jesuíta por meio de um projeto educativo catequético incutiu nas representações a cultura europeia para a cultura indígena, com o objetivo de facilitar a assimilação por parte dos nativos. Com essa ação foi criada uma nova condição cultural, que com a demonstração da cultura indígena aliado ao mal, e a cultura europeia como o bem, criava-se uma nova condição cultural, “a nova representação do sagrado assim produzida já não era nem a teologia cristã nem a crença tupi, mas uma terceira esfera simbólica, uma espécie de mitologia paralela que só a situação colonial tornara possível” (BOSI, 1992, p. 65).

Aliado ao projeto educativo, o teatro de José de Anchieta ao escrever, produzir e encenar as peças teatrais fazia arte, seja no aspecto visual, seja no aspecto cultural, pois o jesuíta soube aliar o estilo vicentino e utilizar os recursos materiais que havia na nova terra, e mesmo que com o objetivo de uma substituição cultural, escreveu peças que, em algumas partes, se assemelhavam aos ritos indígenas.

Chegamos pouco a pouco à convicção de que o Auto de Anchieta se inspira, em sua contextura, dos costumes indígenas; e em sua prosódia e métrica, do estilo de Gil Vicente. Pois, sempre em suas peças se encontra uma parte central em diálogo, que nas composições maiores se divide em dois atos; em redor dessa parte principal nota-se uma introdução ou ato inicial, e dois atos posteriores, dança de despedidas, em música e canto. Essas partes ou atos correspondem ao cerimonial indígena do Recebimento de personagens insigne que visita a taba ou aldeia. Das quatro ou cinco partes ou atos, só a parte central contém a ação dramática através do diálogo. As curtas partes, inicial e finais, são líricas e menores em geral. Estas partes líricas, cantadas ou dançadas, tomavam as toadas de canções e os passos de danças índias, portuguesas ou espanholas, como às vezes o indica o próprio Anchieta. (CARDOSO, 1977, p. 8)

José de Anchieta, ao organizar a estrutura geral dos autos, mesmo que os objetivos fossem o educacional e catequizador, fazia Arte, ou seja, havia a preocupação de seguir um roteiro teatral com enredo, para que os espectadores, mesmo que em um ambiente de diversidade cultural, assistissem a um espetáculo teatral.

Para cada peça produzida havia um planejamento quanto ao local, data, cenário, personagens, tema, ordem dos atos e línguas utilizadas na apresentação, de forma detalhada (CARDOSO, 1977).

Em relação a indumentária de cada ator, eram utilizados os recursos naturais, como por exemplo: penas, instrumentos, armas, vegetações, pigmentos para pinturas faciais ou corporais, entre outros, como em uma das cenas da peça “Na Festa de Natal ou Pregação Universal”, em que Guaixará, um dos diabos do enredo, se apresentou:

É bom dançar, enfeitar-se
e tingir-se de vermelho;
de negro as pernas pintar-se, fumar e todo emplumar-se
e ser curandeiro velho. (JOSÉ DE ANCHIETA, 1977, p. 122)

E com esse enredo artístico, com objetivos educacionais, as temáticas principais das peças sempre abordavam a luta entre o bem e o mal, em um contexto religioso. Com isso, devemos retomar os conceitos utilizados como bem, sendo tudo o que se referia aos preceitos cristãos, e o mal, era relacionado aos costumes culturais dos indígenas.

Com essa abordagem e temática central, outros temas eram trazidos na cenas dos autos, como o pecado, o batismo, o crisma, questões culturais, dos indígenas, “os rituais de dança, o fato de beber o cauim, de fumar, a antropofagia e o adultério, que eram práticas condenadas pelos jesuítas e que, no enredo das peças, sempre apareciam como ações ligadas aos Diabos” (FURLAN, 2013, p. 96).

A representação dos anjos ou santos(as), bem como suas falas durante as encenações, tinham uma forma eloquente, ou seja, eram mais elaboradas, com falas altivas e que valorizavam os valores cristãos em detrimento ao aspecto cultural e comportamental dos indígenas.

Durante as encenações, podemos perceber em um diálogo entre duas personagens, apresentados como diabo, Guaixará (Gua) e Aimbirê (Aim), quando se deparam com um anjo:

[...]
Aim: Olha lá esse sujeito
que me está ameaçando!

Oh! Que será o que vejo?
Parece azul Canindé
ou uma arara de pé.
Gua: É um anjo o que entrevejo,
Guarda dos escravos é.

Aim: Ai! ele me esmagará!

É-me terrível mirá-lo
Gua: Oh! sê forte, vamos lá!
Vem, ataque-mo-lo [sic] já,
para logo amedontrá-lo [sic].

Das más flechas escapar!
pois nos prostam destruíos [sic].
Aim: Olha, vem-nos açoitar:
meus músculos vão ficar
de tremor endurecidos. (JOSÉ DE ANCHIETA, 1977, p. 126-127)

A representação das personagens dos diabos é inferior à do anjo. No próprio diálogo entre eles, é possível perceber a resignação, o temor e o medo. Ao apresentar o anjo com elementos cênicos de plumagens nativas, temos a união do aspecto positivo da cultura indígena com elementos cristãos que demonstravam a superioridade religiosa europeia em relação aos comportamentos, costumes e cultura dos indígenas.

Ainda nesse contexto religioso e catequizador, os temas arrependimento e conversão foram abordados em diversas peças: Na festa de São Lourenço, Na festa de Natal ou Pregação Universal, Na Aldeia de Guaraparim, Recebimento do Provincial Marçal Beliarte, Dia da Assunção em Reritiba, Recebimento do Provincial Bartolomeu Simões Pereira e Recebimento do Provincial Marcos da Costa.

Arrependimento e conversão caracterizam que o objetivo missionário de catequizar os indígenas ou manter a fé dos colonos havia sido atingido, por esse motivo, foram temas em diversas apresentações teatrais.

A partir do momento da conversão, o indígena era retratado como um devoto, uma devoção ao que era ou representava a Igreja, seja por um santo(a), seja pela figura de um padre, quando de suas visitas e, é claro, por Deus, Jesus Cristo e Nossa Senhora. O tema da devoção nas peças teatrais aparecia nas ocasiões em que acontecia o recebimento de uma relíquia ou imagem de um santo(a), nas festas dedicadas a um santo(a) e nas visitas de padres provinciais. Essas personagens ou pessoas ilustres representavam a luta entre o bem e o mal e, depois de derrotarem os Diabos, eram reverenciados com devoção pelos indígenas, pois haviam eliminado o mal e o pecado que prejudicava a vida na aldeia, sempre com base nos preceitos cristãos. (FURLAN, 2013, p. 98)

Para atingir os objetivos do projeto missionário e colonizador, José de Anchieta escreveu e produziu seus autos com o tema central da luta entre o bem e o mal. Mesmo que de maneira simples, sendo os autos com estrutura e enredo semelhantes, o jesuíta,

em todas elas, abordava os aspectos educacionais, artísticos e religiosos da cultura europeia, e dessa forma, após o arrependimento e a conversão do indígena aos preceitos cristãos e a manutenção da fé dos colonos, o relacionamento dos religiosos com os convertidos era facilitado, o que oportunizou a efetivação dos objetivos missionários aliado ao projeto colonizador português.

Conclusão

José de Anchieta deixou sua marca na formação da cultura brasileira. Sua atuação catequético-pastoral envolveu a produção de uma vasta obra, entre elas, um dicionário da língua tupi, poemas, cartas e peças de teatro.

O teatro cumpriu um importante papel pedagógico no século XVI, sobretudo antes da institucionalização das regras para os colégios jesuíticos, a *Ratio Studiorum*. Contudo, as encenações extrapolavam os limites dos colégios e eram encenados nos pátios das igrejas, por exemplo.

A estrutura das peças atendia à especificidade do contexto. O uso de mais de uma língua em um mesmo auto visava atingir um público amplo e diverso: colonos portugueses, espanhóis e os indígenas. O tema central versava sobre o bem *versus* o mal e teve papel educativo importante na empresa colonizadora portuguesa.

Apesar de espetáculos amadores e isolados, as peças tinham um enredo e uma estrutura dos autos medievais, sobretudo de Gil Vicente, o que pode caracterizar o teatro anchietano como a primeira manifestação desse tipo de arte em terras brasileiras.

A finalidade primeira era a religiosa, e temas como arrependimento e conversão são recorrentes nos autos de Anchieta. Isso possibilitava tanto a catequese dos indígenas quanto a manutenção dos colonos na fé católica.

Ao aliar educação, arte e religião em seus enredos teatrais, o jesuíta efetivou o projeto missionário da Companhia de Jesus em consonância com o projeto colonizador português.

Referências

ARNAUT DE TOLEDO, C. A.; RUCKSTADTER, F. M. M.; RUCKSTADTER, V. C. M. O teatro jesuítico na Europa e no Brasil. **HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 25, p. 33-43, mar.

2007. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4961/art03_25.pdf. Acesso em: 12 Jan. 2024.

ARNAUT DE TOLEDO, C. A.; FURLAN, V. O teatro anchietano e seus temas. *In*: BRITO, L.; BROCHADO, S. M. D.; GABRIEL, F. A. (Orgs.). **Pesquisas em Linguagem** – Interfaces linguísticas, literárias e culturais. Volume III. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015. p. 252-273.

AZEVEDO, F. 1976. **A cultura brasileira**. Tomo III – A transmissão da cultura. 5 ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CARDOSO, A. (S.J.). Introdução Histórico-Literária. *In*: JOSÉ DE ANCHIETA (S.J.) **Teatro de Anchieta**. Obras Completas, 3º volume. Tradução, introdução e notas do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1977. p. 7-111.

FURLAN, V. **Educação e catequese no teatro anchietano**. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.

HANSEN, J. A. 2000. A civilização pela palavra. *IN*: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (orgs.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 19-42.

HEssel, L.; RAEDERS, G. **O Teatro Jesuítico no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1972.

JOSÉ DE ANCHIETA (S.J.) **Teatro de Anchieta**. Obras Completas, 3º volume. Tradução, introdução e notas do Pe. Armando Cardoso. São Paulo: Loyola, 1977.

O' MALLEY, J. W. **Os primeiros jesuítas**. São Leopoldo: UNISINOS; Bauru: Edusc, 2004.

PRADO, D. de A. **Teatro de Anchieta a Alencar**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

PRADO JUNIOR, C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1976.

RUCKSTADTER, F. M. M.; ARNAUT DE TOLEDO, C. A. Análise da Construção Histórica da Figura “Heróica” do Padre José de Anchieta. *In*: **Cadernos de História da Educação**, nº. 5 – jan./dez. 2006, p. 13-26. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/398/379>. Acesso em: 12 Jan. 2024.

RUCKSTADTER, F. M. M. Análise da Construção Histórica da Figura “Heróica” do Padre José de Anchieta. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: Prof. Dr. César de Alencar Arnaud de Toledo. Maringá, 2005.

SAVIANI, D. **História das Idéias Pedagógicas no Brasil**. 4ª edição. Campinas: Autores Associados, 2013.